Representações sociais de indivíduos, grupos e relações intergrupais: uma abordagem meta-analítica

Edson A. de Souza Filho Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Para verificar a importância da meta-málise de representações sociais, observamos representações de finalitiares (RP e sus relações com representações de grupos minoritários (RGM). Comparmos grupos segundo auto-identificação émica/religiosa e situação sociococomônica. Os sujeitos forma cristãos/cafólicos púdesa de classe média (N=448) e "megoro", "mestiogo", "rabestogo", situações que familiares e que fizessem uma auto-apresentação para um mugulmano ou budista. Assis, mequanto as RF em situações de firmilia (relações interpressous), autoridaçõe, estavam associadas a indiferença/hostilidade quanto às RGM, as RF como indivíduos autónomos ou identificados ao grupo étnico estavam dissociadas, sobretudo quando o próprio grupo es minoritário, e independente da situaçõe sociococombinac. O "resultatos demonstratum a importância da meta-malite de contrato da meta-sulta de la comparta de la comparta de la comparta de la contrator de la c

Palawas-chave: representações sociais, meta-análise e identidade social.

Social representations of individuals, groups and inter-group relations: a meta-analytical approach

Abstract

In order to verify the importance of the meta-analysis of the social representations, we observed family members' representations (RF), and their relationships with minority groups representations (MGR). We compared groups according to their oftnic and religious self-identification, and also to a social-economic stantion. The subjects were Christians/Catholics and Jews from the middle class (NH-48), and respect to the subject were christians/Catholics and Jews from the middle class (NH-48), and respect their family memories and to perform a self-introduction to a Muslim or to a Buddhist. So, while the RF in family situations were associated with a middle frence-hostility towards the MGR, the FR as autonomous or ethnically recognized individuals were dissociated, mainly when their own group was a minority, no matter what the social-economic situation. The results demonstrated the importance of refus-analysis of the social representation, which could also include the simultaneous observation of multiple objects of representation, collective lives.

Key words: social representations, meta-analysis, social identity.

Endereço para correspondência: Faculdade de Educação- UFRJ, Av. Pasteur, 250 - Urea - CEP 22290-240 Rio de Janeiro - RJ, e-mail: edsouzafilho@bol.com.br

Agradecimentos: as direções de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, que nos facilitaram a coleta de dados; aos jovens estudantes, que aceitaram participar deste trabalho; a Angel B. Durandegui, que participou da análise do material simbólico. Apoio financeiro CNPq e FAPERJ.

Introducão

O modelo tédrico proposto por vários autores para tratar dos fenômenos de representações sociais (RS) parte do chamado "holismo metodológico" (Dumont, 1985), que supõe a origem social dos mesmos, independentemente do recorte adotado, individual, grupal ou coletivo. Nessa direção, acreditamos haver interação entre as representações sobre cada uma dessas dimensões da realidade, obrigando a realização de meta-analises, conforme ja foi apontado por Breakwell (1993). Mais especificamente, supomos que os grupos, através de familias, desenvolvem representações a respeito do individuo, do grupo e da sociedade, que interferem na elaboração de representações de muitos outros objetos/sujeitos sociais relevantes.

Em termos psicossociais, trata-se de articular as dimensões representacionais às identitárias para um aprofundamento necessário. Como ponto de partida, destacaríamos os trabalhos de Mead (1934), que procurou inserir a gênese do self a partir do desempenho de papéis sociais. Posteriormente, houve maior tendência de considerar a formação do self a partir de dinâmica de personalidade individual com os trabalhos influentes de James (1950) e Allport (1961). Outros teóricos ainda procuraram descrever a vivência do self em termos de auto-apresentação, como Goffman (1959), que enfatizou a conformidade às expectativas sociais e Baumeister (1982), a respeito da realização de ideais próprios ao self. Noutra vertente, os psicólogos sociais preferiram se dedicar ao estudo dos processos de formação da identidade social a partir de autoconstrução discursiva, entre os quais Gergen (1971), Zavalloni (1973) e Lemaine (1979); assim como a ressaltar os processos cognitivos e motivacionais, como os de Tajfel (1978) e Turner (1987), através de mecanismos gerais como a categorização social e o meta-contraste, respectivamente. Ao lado disso, outras análises sugeriram que a identidade étnica/religiosa é fortemente marcada pelas relações maioria/minoria (Lewin, 1948; Taifel, 1981). No caso dos países ocidentais ou a eles relacionados, a identidade branca-cristã constitui uma maioria que passou a ser um marco de referência para os demais grupos sociais em contato considerados minoritários, levando-os à diluição identitária, forcada ou requerida, sobretudo no caso daqueles grupos/indivíduos menos capazes de manter autonomia social e política. Assim, supomos que os grupos identificados com brancos/cristãos, independentemente da posição/classe social, tendam a representar os parentes em termos de relações interpessoais de subordinação e/ou interdependência, em detrimento do individuo, distinto, separado e autônomo. Trata-se de procurar conformar-se às normas sociais maioritárias. que são as do seu próprio grupo étnico-racial-religioso. Nesse quadro, suas relações interculturais com grupos minoritários serão de indiferença (através de cortesia superficial ou paternalismo) ou hostilidade, sobretudo face a grupos como os "muculmanos", considerados por alguns analistas como aqueles que representam o que os judeus no passado medieval representaram em termos de "satanização" (Baudrillard, 1996: Balibar, 1997), para afirmação/confirmação de normas dominantes.

Os grupos minoritários, preservados a partir de ação consciente ou forcada (pela dificuldade de mobilidade social por causa da cor ou aspectos simbólicos/culturais), e por sua vez, a ruptura com as normas majoritárias, aumentarão entre eles a busca de autonomia, tornando a representação do parente mais individual/grupal. Assim, os grupos minoritários, segundo sua major/menor expectativa de integração em relação aos grupos brancos/cristãos, apresentam major/menor curiosidade para conhecer outros grupos. No caso dos que pretendem se conformar às normas dominantes, podemos esperar maior renúncia de si em prol da demonstração pública de hostilidade ou indiferenca ao grupo minoritário, que equivale à adesão à norma majoritária. Já entre os grupos minoritários que não esperam ser integrados e/ou que acreditam na autonomia individual, ainda que sem manifestar intenção de manter ligação com grupo de origem, podemos observar algum investimento em si e menor adesão à norma dominante. Desse modo. desprovidos de apoio social, os indivíduos de grupos minoritários, como é o caso de muitos negros e alguns descendentes de judeus (Souza Filho e Durandegui, 1999a, 1999b, 2000), tenderão a ficar como que "flutuando" com um grupo "oculto", que lhes facilitará a maior abertura para outras culturas.

Em psicologia social, de um lado, tivemos contribuições teóricas que insistiram nos processos de conhecimento a partir do individuo, suas falhas e dificuldades para atingir seus obietivos cognitivos. De outro, foram feitos esforços para demonstrar a natureza social dos processos de conhecimento. inclusive aqueles aspectos decorrentes da estrutura de poder intergrupal dentro de cada sociedade. Em ambos os posicionamentos, houve certa minimização da importância do indivíduo comum, não dotado de um "método" racional, descolado de um grupo social ou sociedade em particular. Ou seja, o indivíduo foi tratado, ora como um ser dependente do especialista, ora como uma ideologia a ser mudada a partir de ação social pública. Nesse sentido, Foucault (1994) ao analisar criticamente a paulatina exclusão do indivíduo, sobretudo aquele sujeito que pratica o cuidado de si (em detrimento da "salvação", por exemplo), afirmou que

"Ocuparse de uno mismo ha sido, a partir de un determinado momento, denunciado casi espontáneamente como una forma de amor a si mismo, como una forma de egoismo o de interés que es necesario prestar a los orros o con el necesario prestar a los orros o con el necesario sacrificio de uno mismo" (Foucault. 1944, n.112).

Acreditamos haver ainda muito a conhecer a respeito da formação dos indivíduos. Seria preciso um aprofundamento desse processo social, como alguns autores vêm fazendo (Elias, 1994; Gergen, 1997). Para tanto, seria necessário remontar à família, situada social, cultural e historicamente. Apesar de ser considerada por muitos teóricos sociais como uma instância intermediária, fundamentalmente determinada pelos grupos e sociedades nos quais está inserida, a família é um dos terrenos de interação básicos para a formação do indivíduo. Com os processos de urbanização e especialização que se consolidaram do final da Idade Média até a Modernidade, o indivíduo passou a ser uma categoria simbólica/prática importante para o funcionamento da sociedade. Tornou-se assim um dos centros de batalhas ideológicas, sobretudo entre liberalismos e socialismos, nacionalismos e etnicismos (Canevacci, 1984, 1987).

Houve, portanto, uma profunda mudança a respeito do papel do indivíduo na sociedade em que ele é cada vez mais valorizado como uma entidade em si e não como efeito de determinações inconscientes ou representações ideológicas (Farr. 1992: Marková e cols., 1998). Com o declínio da importância dos grupos sociológicos em várias esferas, observamos três tendências básicas de tratamento: uma. mais racionalista, pretende que o indivíduo é intrinsecamente capaz de decidir e autodeterminar-se; outra, mais psicossocial, enfatiza o indivíduo inserido em realidades simbólica e materialmente construídas, em interação constante com outros individuos e grupos, onde o conflito, latente ou manifesto, mobiliza energias no interior das sociedades; uma terceira, anula a importância do indivíduo e enfatiza a determinação social de modo quase ou totalmente unilateral.

Neste trabalho, adotamos o ponto de vista psicossocial acima mencionado.Um estudo comparativo meta-analítico poderia, portanto, facilitar o aprofundamento, guardando outras dimensões sociais, como a classe e o contexto político de cada grupo. Neste estudo, entendemos por meta-análise o esforço para ampliar a conceituação/ observação da gênese de representações sociais a partir da consideração de vários sujeitos/objetos, simultaneamente. Uma dimensão básica é o indivíduo, naquilo que ele tem de específico, sem precisar dos outros para a realização. Em seguida, aparece a dinâmica interpessoal familiar, que oferece oportunidade para a veiculação de normas/valores/representações do(s) grupo(s) de identificação mais importante(s) e da sociedade como um todo. Contudo, no âmbito do mundo cristão, em geral. há forte concentração de atenção e investimento na normalização do comportamento individual a partir de comunicações e expressões de afeto e sentimentos. Ou seia, o indivíduo autônomo não é valorizado, mas apenas como parte de um sistema comum de vida. Em se tratando de uma identidade étnica/religiosa minoritária, contudo, esta vai exigir, para sobreviver, a constituição de um meio interno autônomo, separado e fonte de um conhecimento da realidade social diferenciado mesmo que o suieito passe a negá-la, identificando-se a uma identidade majoritária. Daí a justificativa maior para a meta-análise neste estudo. Ou seja, acreditamos

que os processos de identificação social sejam alguns desses que envolvem várias dimensões da realidade social, indo da chamada vida privada à pública. Nessa direção, um conjunto de temas usados no meio interno familiar para descrever os parentes são os relativos à formação moral/valorativa/política que faz parte de um conjunto de referências básicas para orientar na construção do mundo social, no qual individuos e grupos têm um papel ativo/passivo, conforme o caso. Nesse sentido, supomos que alguns grupos minoritários, ao enfatizarem a identidade grupal-étnica, favorecem a preparação política para entender/agir sobre as relações com as maiorias, o que exige um considerável investimento simbólico em relação aos instrumentos de conhecimento interpessoais/intergrupais. Entre as famílias que se identificam com o grupo majoritário branco-cristão, por sua vez, a preocupação maior é, como dissemos, adequar os indivíduos às expectativas sociais ao nível grupal menor e permitir o controle individual na sociedade. Assim, supomos aceitação maior de representações coletivas/hegemônicas entre tais grupos, assim como dificuldades para lidar com a autonomia individual.

No meio popular, contudo, havendo maior diversidade cultural explícita, podem ser observados outros fenômenos de dinâmica grupal que incidem sobre as produções de representações, tais como a polarização de tendências ou ocultura do as mesmas, em formas de deliberada auto-exclusão para resistir à cultura dominante. Em parte, podem ter sua origem em práticas de apagamento/repressão cultural ocorridas bem anteriormente em grupos minoritários como nezros, findôs, judeus, entre outros.

A comparação entre escolas populares com quantidade maior/menor de católicos praticantes, poderia mostrar a importância do confronto entre religiões, que ameaça a hegemonia católica anteriormete existente. Poderiamos interpretar que, no quadro intercultural prévio, antes do "surto" evangélico, a forma de interação católica deixava mais solta a expressão cultural popular, o que implicava em prejuizo para os negros e mestiços "pois os professores branco/écristãos nunea se sentiram à vortade. com tais tipos de alunos (Souza Filho, 2001). De qualquer jeito, o ambiente escolar prejudica a "exuberância" ou particularidade que herdada de sua cultura africana ou indigena. Assim, as religiões monofeistas parecens ser mais adequadas para um disciplinamento comportamental, subordinado a um comando entralizado externo, enquanto as demais, habrituadas a uma profusão de deuses, parceem focalizar em militiplas direções, sentidos. Segundo Bastide (1967, 1971), os ortixas fairicanos registrados na África eram de 100 a 400, caindo para não mais que 14 no Brasil.

Metodologia

Sujeitos

Participaram da pesquisa 327 jovens secundarristas de escolas públicas e privadas no Brasil a saber: escola privada com predominância católica/cirsil (n=73 com 69,86% de católicos), escola judaica (n=73, escola pública (1=10 7 com 49,63% de católicos, com a seguinte composição étnica/Negro-26, Mestiço=21, Branco-10 e Indefinido-50; escola pública II (n=72 com 63,88% de católicos, e com a seguinte composição étnica/Negro-10, Mestiço=26, Branco-92, Indefinido-4.

Instrumento e procedimento

Foi construido um questionário com perguntas abertas com o objetivo de analiser qualitativamente os seguintes conteúdos: lembranças sobre parentes, incluindo pais, avós, bisavós, trisavós, travavós, e outros patentes (se quiesseem, tanto da parte matrilanear quanto patrilinear; sobrenomes dos mesmos parentes; sobrenomes cistentes no pais mas filo sendo os da própria famílie; simulação de auto-aprecentação para pessoa muyulmana/budista, conforme o caso (apenas os judous se auto-aprecentaram para um budista); paisescicidades em que viveriam, caso pudessem; descriçõo pessoa (fidade; profissão; escolaridade de descriçõo pessoa) (fidade profissão; escolaridade de

^{1.} As estatísticas de fracasso escolar são mais altas para tais grupos (Klein, 1997).

pais; auto-definição étnica-racial; religião, entre outros). É preciso dizer que consideramos como grupo cultural-religioso minoritário aquele que desfrua de menor reconhecimento no contexto ocidental e no Brasidade intergrupal ou composto por um número menor de resessos a realese, como muitos sundem.

Os jovens estudantes foram contatados em suas escolas durante atividades acadêmicas, mediante acordo com a direção dos estabelecimentos. Eles responderam os questionários sem dificuldade.

Análise de dados

O material simbólico foi tratado por meio de técnicas usuais da análise de conteúdo e, em seguida, dispostos em tabelas de freqúência e percentagem de temas, aos quais foram aplicados testes de qui-quadrado. Para efeito da análise, organizamos os dados em tomo da situação socioeconômica para comparar sujeitos de classe média (segundo religião cristã/católica e judaica) e popular (segundo autodefinicão étnica-racial).

Resultados

Apresentamos no Quadro I, exemplos de temas usados para representar as autoridades sexo (M-masculino, F-ferminno), idade, escola privada com predominincia estolica/erista (ECO): escola privada com predominincia estolica/erista (ECO): escola privada o guadro (EI), autodefinição demica-racia (Rogro-N). Mestopo-M, Branco-B, Indefinido-I), escola pública I-EPI e escola pública II =PII, e segundo as seguintes repligões: católica (C), evangélica (E), cristá (Cr), sem religião (SR), judeu (J), umbadista/dapoier al (UC). Deus (D), cardecista (Car), não respondeu (NR), ateu (A), budista (Ba): pasado (Pa) entre outras.

Personalidade global:	quando foram lembrados traços, definições e narrações que procuaram indicar uma disposi- ção de personalidade, considerada como mais permanente, global e essencial, incluido as- pecios internos, subjetivos, como estados mentais psíquicos, as quais não precisam de outra pessoa para se realizarem: "Mulher guerreira que sempre luta pra conseguir o que quer" (M. 15, N. EPIL (); "Orgulhoso, forte" (M. 17, E.); "Frio", (F. 16, EC).
Comportamento social:	quando foram recordados comportamentos situacionais sociais que indicaram interações ou potenciais para ligo de ação práste medista que buscams es conforma ou no a normas inter- pessoais, sem procurar entender o padrão ou modelo interno que oo rientam, mas apenas ex- pressar aspectos externos e manifestos do convivior—Fofoqueire "(F. 17, I. F.P. (J. °). "Simplicia, sempre com um lindo sorrizo." (F. 17, B. EPII, C); "Muito gentil" (M. 16, EJ); "Pessoo meiga" (M. 16, EC).
Cognição:	quando os parentes foram descritos a partir de aspectos de conhecimento ligados à vida inte- lectual, resolução de tarefas ou expressão de estilos mentais de organizar conteúdos psicológi- cos e sociais: "Inteligência." (F. 16, N. EPH. C.)" ("arroxioládae" (F. 17, E.).
Valor moral/ético geral:	quando o parente foi descrito a partir de principios morais/éticos gerais como valores terminais su- pra-individuais/grupais, como humanismo, altruismo, justiça, responsabilidade, eqilidade, verdade, honestidade, simplicidade, respeito, entre outros: "Responsabilidade." (F, 16, N, EPJ, E); "Super- honesto." (F, 18, B, EPJ, E); "Humanista: (F, 16, E.D); "Docação, abelicação." (F, 16, EPJ,
Afeto recebido/sentido:	quando foram descritas experiências de receber ou sentir diferentes afetos e sentimentos com relação a parentes: "Que ela não gosta de mim." (M. 16, N. EP1, SR); " homem que não tem um pingo de sentimento." (M. 18, B, EPII, C); "Amo todos os membros da minha familia," (F. 16, E); "Rejeição." (M. 15, EC/C).
Exige respeito/rígido/ punição/severo:	quando o parente foi considerado seja como alguém que tenta impor ou exige um padrão pre- estabelecido, seja como quem não leva me conta os pontos de vista do sujeito ou de outros membros da familia, sem ou com menos poder ".eřeclamona" (F. 16, LEP. I)", "Rigo- roso o mandão. "(F. 17, M. EPIL E; "Não muda o estilo de pensar" (F. 16, ED); "Dona da verdade." (F. 16, EC); " upon a bunda." (F. 15, EC).
Valor trabalho:	quando foi ressaltado o trabalho enquanto prática como valor em si, sem mencioná-lo como realização de um sujeito, nem o tipo de trabalho: " de estar com ele trabalhando." (M. 16, N. EP1, NR); ", rabalhandor." (F. 16, M. EPIL, E); "Homem trabalhador." (M. 19, EP).

Traço físico/concreto:	quando o parente foi descrito segundo seu aspecto físico externo, sem mencionar como ele lida com isso: "Moreno, de olhos castanhos e de barba." (F. 13, I, EPI, C); "Semelhança na fisionomia." (M. 18, N. EPII, Cr); ", cabelo vermelho, era bonita quando nova." (M. 17, E.J; "Baixinha" (F. 14, ECC).							
Satisfação/diversão:	quando foram referidas atividades especificas de lazer e diversão, como esporte, arte, entre outros, assim como de ausência das mesmas e desprazeres relacionados com o modo de vida levado: "Adora dançar" (F. 18, M. EPI. I.C.)" uma pessoa muito sórida: "(F. 18, 1. EPI. Cr); "Cadeira de bolanço." (F. 17, N. EPII. C); "Xadrez () dominó." (F. 17, EJ): "Filamenguista". "(M. 15, EC).							
Família idealização:	quando um parente foi descrito de modo idealizado, enfatizando apenas os aspectos considerados positivos esuperdimensionados: "É ôtima, maravilhosa, não há igual." (E. 17, M. EPI., O.; "Meut tudo, não sei me ver sem etal é o mesmo que não ter chão." (F. 16, EP); "Es show." (F. 21, B. EPII, C); "Melhor pessoa do mundo." (F. 16, E.); "Um anjo." (F. 15, EC/C).							
Proteção/cuidado:	quando foi descrito um cuidado/proteção, dedicado/recebido pelo sujeito ou alguém da familia, independente da fise da vida ou tipo de atividade correspondene, apesar de predominarem aqueles referentes à inflancia cadolescência dispensados por mise e pais en relação a filhos en entos: "Conserviera musa brimquedos: "(M. 16, L. EPL / SR); "Critos o de filhos socialisma." (M. 18, N. EPIL, C); "Sempre me protege e quer sempre o melhor para min." (F. 16, ES), Agua na cama à notice." (M. 16, ECC);							
Amizade/comunidade:	quando um parente foi considerado como fraternal, amigo ou compartilhando conteúdos com o sujeito ou outros parentes: "Uma pessoa que me compreendia muito." (F. 18, N., EPL, C): "Principalmente amiga, confidvel, leal" (F. 17, B. EPII, C); "Amiga de todas as horas." (M. 16, EPJ; "Companheiro." (M. 16, EC/C);							
Realização profissional/ material:	quando o parente foi apresentado a partir de sua profissão exercida, assim como de sucessos decorrentes tanto do âmbito do trabalho, quanto do renumerativo: "Era um importante funcionário do SENAL" (F. 16, N. EP1, E); "Cortador de cana" (F. 15, M. EP1I, C); " tinha um armazém, pertencia à alta sociedada." (M. 18, EC);							
Presença/ausência:	quando foi mencionado um parente ausente, distante ou presente na vida do sujeito, sem outros comentários sobre o tipo de experiência comum ou qualificação da mesma: "Figura sempre ausente." (F. 16, 1, EP1, D); "Passamos poucos momentos juntos." (M. 20, B, EP11, D); "Presente em tudo na minha vida." (F. 17, E1).							
Bem comportado/ desviante:	quando foram mencionadas condutas consideradas em relação às normas sociais mais con- sensuais na sociedado, seja para obedecer, seja para desobedecer às mesmas ("a exceção que confirma a regra"): "Galinha," (F, 17, B, EPJ, C); ", queria tudo certinho." (F, 16, M, EPJI, C); "Jamais deixou de pagar os impostos." (M, 19, EJ): "Loucura." (M, 16, ECC):							
Vida/morte:	quando foram relatados aspectos ligados tanto à vida/vitalidade/saúde, quanto è morbidez/decadência fisica/morte: " que já partiu." (F. 16, 1. EP1, D); "Preocupado demais com seus problemas de saúde." (F. 16, M, EP1I, C); "Morreu no aniversário de 15 do minha mãe." (F. 16, EL); "Já não está mais entre nôs." (M, 16, EC/C).							
Interação/papel social/ contexto:	quando foram relatadas experiências da vida cotidiana e encontros interpessoais, entre dois ou mais familiares, ressaltando papeis sociais elou perencimento familiare: "Otimo papel de avó, porém péssimo de mãe." (M. 17, E.D.; "Mau pai e mau marido." (F. 15, E.D.;							
Formação do sujeito:	quando foram descritos episódios, experiências, conhecimentos e processos, práticas, acadêmicos ou não, que formaram o sujeito: "Contador de estórias:" (M, 17, M, EPII, C); "Estudo comigo sempre que preciso." (M, 16, ED; "Me ensima." (F, 15, EC/C).							
Permissivo/ recompensador:	quando o parente foi considerado como alguém que permite/recompensa, arbitrariamente seus filhos/netos segundo o que estes querem, sem impor condições ou regras, negociadas ou preestabelecidas: ", que faz todas as vontades de quem ele gosta" (F, 17, M, EP1, C) "Adora me paparicar" (M, 18, B, EPII, C); "Coruja." (F, 15, EC).							
Moderno/flexível:	quando foram lembradas qualidades/posturas ideológicas do parente mais abertas e flexíveis na hora de se relacionar no âmbito familiar ou fora dele: "Um pouquinho mais liberal que meu pai," (F, 16, M, EPIL, C): "Moderna" (F, 17, EJ).							
Identidade étnica/ folclore/religião/cultura:	quando foram registradas ligações do parente com contexto social, local e grupal, a partir de práticas e marcas de identidade ou país de origem: "Lembro de lendas mineiras: "(F, 15, 1 EP1, C); "Itália" (F, 17, M, EPII, Cr); "Nasceu em Tanger no Marrocos." (F, 17, EJ); "Portuguesa e espanhola, adora fazer comida." (F, 15, EC/C).							

Família ampliada:	quando foram descritos parentes fora da familia nuclear (considerada até avós) para lembrar de tios primos ou outros tipos de conexão familiar: "Irmã de minha bisavó, mora em" (M. 18, EJ).
Não conhece:	"Nunca o conheci." (F, 15, M, EP1, E); "Nunca nos vimos." (M, 20, B, EPII, D).
Expressão/comunicação:	quando foram mencionados ou avaliados os tipos de comunicações/expressões, verbais, cor- porais ou ambientais, feitas por familiares, ressaltando o lado cênico da interação: "Senso de humor." (F. 1.6, B. PII, C); "Diz para todos que sou seu namorado." (M. 16, EJ); "Pois é!" (F. 15, ECC).
Evento/vivência socio- político coletivo:	quando foram relacionados à biografia de parentes fatos históricos coletivos marcantes como perseguições de grupos étnicos ou participação política em movimentos sociais "Neto de uma escrava," (F. 16, N. EP1, E); "Um comunista de carteririnha." (M. 16, E.D.
Formação de parentes:	quando foram referidos episódios, experiências, conhecimentos e processos/práticas, acadêmicas ou não, que formaram parentes: " gostava de estudar, ler e pensar." (F. 17, E.I) "Vou para o computador." (F. 16, ECC).
Realização subjetiva:	quando foram lembradas realizações não materiais, profissionais, mas uma superação pessoal como atingir estado espiritual/subjetivo de sabedoria a partir de esforço e caminho individual debrida elagum contexto social definido: "Sabedoria" (M. 17, EB); "Harmonia" (F. 16, EC/C).
Reconhecimento social:	quando foram relatados episódios de realização de parentes com implicação social ou grupal no sentido de ressaltar sua importância para além da dimensão individual/familiar, mesmo que não existam provas para tal conclusão: "Importante na sociedade." (M. 18, EI).

Quadro 1. Relação de temas para representação de autoridades percentuais.

A fim de realizar a meta-andise, reagrupamos os dados em cinco suborojuntos de temas: Aspectos visa-is vidafronte; Indivíduo: personalidade global, cogni-ção, realização profissional, valor trabalho, formação de parentes, realização subjetiva; Familia: familio cortrada no supério: afeto sentidorecebido, proteção/eui-dado, formação do sujeito, presença/usarisenic; familio: relação interpressoal: comportamento social, amiza-decomunidade, sistifação/diversalo, curpressido/comp

nicação, fomilia antoridade, família idealização, interação page social contexto, esige respetios-everórigido, pemissivo/recompensador, Grupo cultural: identidade émica/folcore/religião, trago fisico/concerto, familia solidariendade/ampliada; Sociedade/coletivo; Olconformidade às normas sociais mais gerais: bem comportado/des/vanie, valor moral/déco gerai; (b) mudanças social ao nivel individual/grupal: evento sociopolítico coletivo, reconhecimento social, modernofileavie,

Tabela 1. Percentagens de subconjuntos (meta-análise) de temas usados para representar familiares, segundo estudantes católicos/cristãos e judeus de classe média e estudantes de escolas públicas (I e II) autodefinidos como negros, mestiços, brancos e indefinidos.

	EC/C	EJ	N(I)	N(II)	M(I)	M(II)	B(I)	8(11)	1(1)	1(11)
	%	5	%	%	%	%	%	%	%	%
Aspectos vitais	2,31	5,64	0,56	-	2,43	3,74	in the	0,84	0,69	
Individuo	18,86	23,72	13.05	27,4	12,76	11,75	8,45	15,61	11,16	10,52
Familia	57,54	41,89	48,24	37,06	61,50	48,06	60,51	59,03	46,43	52,60
Familia centr. no sujeito	24,57	19,51	21,02	14,51	25,0	18,18	9,85	15,61	23,07	18,42
Familia rel. interpessoal	21,42	12,06	17,61	11,29	18,29	17,11	32,39	22,36	9,79	18,42
Familia autoridade	11,55	10,39	9,65	11,29	18,29	12,83	18,3	21,09	13,63	15,78
Grupa	4,41	11,03	1,12	3,22	4,25	2,66	4,22	1,26	4,52	7,89
Sociedade/coletivo	2,94	8,32	2,25	1,61	4,25	5,87	8,43	5,05	4,18	10,52
Conformidade	2,94	4,74	1,69	1,61	4,25	5,87	7,83	4,63	4,18	10,52
Mudança social		3,58	0,56			0,53	1,48	0,42		
Não sabe/não responde	14,70	9,22	34,65	30,63	14,62	25,65	18,38	18,13	32,86	18,41

Na tabela 1, pode-se notar que o grupo judeu mostrou maior frequência a respeito de aspectos vitais. Em seguida, foram os N e J que manifestaram mais descrições de indivíduos. Quanto à família (sobretudo relações interpessoais e autoridade), foram principalmente os B, populares ou de classe média, e parte dos M e I, os que apresentaram maiores frequências desse tema. Ou seja, é preciso salientar que entre os J e parte dos N a dinâmica da família foi menos referida que nos demais grupos. Em relação aos aspectos grupais, os J se destacaram. A sociedade, por sua vez, foi representada pelos grupos em termos da adequação individual às regras morais estabelecidas, com exceção de J e alguns B (EPI) que também indicaram proporção maior de busca de mudança social. Por último, resta mencionar que os N e os I (EPI) apresentaram maiores índices de ausência de respostas (incluindo, não sabe/conhece pouco, não respondeu e outros), tal como observamos em pesquisa anterior com descendentes de sefarditas espanhóis (Souza Filho e Durandegui, 1999b).

É bom ressaltar que, apesar da tendência de uniformização entre os diferentes grupos étnicos nas escolas populares, algumas diferenças interessantes foram observadas entre as escolas desse meio social. Lembremos que a EPI tinha uma menor presenca relativa de católicos face à EPII, o que nos permitiu entender melhor os estudantes cristãos não-católicos. assim como os católicos em situação de declínio numérico. No caso dos B. a família se manteve como o centro de representação sobre os parentes em ambos as situações, contudo o mesmo conteúdo apareceu mais entre os M e N da EPI. Outros dados importantes foram que os B e N da EPI mencionaram relativamente mais mudança social do que em EPII; os mesmos grupos tiveram diferenças marcantes em representações sobre o indivíduo em EPII, maiores para os negros, o que merece mais reflexões.

No Quadro 2 apresentamos ilustrações de conteúdos usados pelos sujeitos para a auto-apresentação simulada.

1. Auto-apresentação/co	onhecer o outro
1.1. Aspectos pessoais:	"Sou ateu." (M. 16, N., EP1, A); ", que tipo de música eu gosto, que tipo de leitura etc." (M. 17, EP); "Meu nome é Mariana," (F. 15, EC/C, (C); "Em primeiro lugar, serie ae u mesma" (F. 17, B, EP1, C); "Tend seu nome?" (M. 17, E.).
1.2. Aspectos culturais:	"Perguntaria o que ela sabe sobre o Brasil." (F. 16, B, EPII, C); "Que sou brasileira judia." (F. 16, E.); "Queis são suas comidas tipicas?" (M. 19, E.);, "Como é a sua religião?" (F. 16, EC/C, SR); "Conversaria com ela sobre seus costumes" (F, 16, B, EPII, E); " o que eles acham de coisas em geral." (F, 14, EC, NR).
2. Projeto/plano de inte	ração
2.1. Relação interpessoal/ amizade:	"Falaria de tudo menos de religião." (M, 16, N, EP1, SR); " ofereceria um sorvete bem gostoso." (F, 16, M, EPII, C).
2.2. Respeitar a cultura muçulmana:	"cada um tem a sua religido e acredita no que quiser." (F. 16, M., EP1, C); " respeito suas crenças." (F. 16, El); "Que a força de Ala te proteja!" (M, 16, EC/C, C); "Falaria () com respeito, pois nós somos iguais." (M, 14, EC/C, Cr); "Mas com certeza respeitaria ela," (M, 18, B, EP11, C).
2.3. Criticar/ensinar:	"Você é normal?" (F. 16, I, EPI, E); "Minha religião é melhor do que a sua!" (M. 16, EC/C, C); "Faça amor, não faça guerra" (F. 16, B. EPII, C); "Nada" (M, 17, EC, Bu); "Não tenho a minima curiosidade de conhecer." (M, 18, B, EPII, C).
3. Estilo/conteúdo expre	essivo:
3.1. Cortesia/cumprimento:	"Oi! muito prazer!" (F, 16, EI); "Só o básico." (M, 13, 1, EP1, U/C); "Oi! tudo bem? Prazer em conhecer." (F, 14, EC, C); "Noda de mais, trataria ela normalmente." (F, 17, 1, EP1), Cr); "Me apresentaria atravès de gestos, se a fala não funcionasse." (F, 16, EJ); "El sala malíg." (M, 18, EC/C); "What's your name?" (M, 16, EC/C, Car).
3.2. Não sabe/língua diferente:	"Não sei, porque ainda não aconteceu isso," (F, 14, B, EP1, E); "Não faço a menor idéia." (F, 16, EC, Pa); "No momento nada em mente:" (M, 18, B, EPII, C).

Quadro 2. Ilustrações de conteúdos usados pelos sujeitos para a auto-apresentação simulada.

Tabela 2. Percentagens de formas de Auto-apresentação para pessoa de religião muculmana/budista usadas por estudantes católicos/cristãos e judeus de escolas privadas e estudantes de escolas públicas, autodenominados negros, mestiços, brancos e indefinidos

	3/03	EJ	N(I)	M(I)	B(I)	1(1)	N(I)	M(II)	B(II)	1(11)
	%	- %	%	%	%	%	%	%	%	%
1. Auto-apresentação/conhecer o outro	25,0	57,8	12,1	14,8	31,2	8,6	26,6	25,0	22,0	25,0
.1. aspectos pessoais	19.4	14,8	4.8			4.3	13,3	15,0	10,0	
1.2. aspectos culturais	5,5	42,9	7,3	14,8	37,5	4,3	13,3	10,0	12,0	25,0
2. Projeto/plano de interação	19,4	14,8	65,8	59,2	31,2	50,7	13,3	30,0	40,0	12,50
2.1. Relação interpessoaVamizade	5,5	1,6	4,8		6,2	-		7,5	10,0	12,5
2.2. Respeitar a cultura muçulmana	9,7	12,3	9,7	3,7	6,2	2,8	6,6	15,0	2,0	
2.3. Criticar/ensinar	4.1	8,0	51,2	55,5	18,7	47,8	6,6	7,5	28,0	
3. Estilo/conteúdo expressivo	38,8	22,3	2,4	3,7		7,2	20,0	7,5	16,0	25,0
3.1. Cortesia/cumprimento	38.8	22,3	2,4	3,7		7.2	20,0	7,5	16,0	25,0
4. Não sabe/ não respondeu	15,2	4,1	19,5	22,2	31,2	33,3	40,0	37,5	22,0	37,5
5. Muda de assunto		0.8								
Total	98,6%	99,9%	99,9%	99,9%	99,8%	99,9%	99.9%	100%	100%	100%

Tabela 3. Percentagens de tipos de países que escolheriam caso pudessem, segundo estudantes católicos/cristãos e judeus de escolas privadas e estudantes de escolas públicas autodefinidos como negros, mestiços, brancos e indefinidos.

	EC/C	E.J	N(I)	M(I)	B(I)	1(0)	N(I)	M(II)	BOD	100
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	1
1. Anglo-americanos	41,48	42,95	36,36	32,25	10,52	24,67	10,52	27,27	23,80	
1.1. Austrália	2,22	2,1	6,81	6,45	5,26	2,59				
2. Europeus	34,07	17,60	6,81	3,22	31,57	24,67	21,05	12,12	19,04	
3. Latino-americanos	4,44	4,92	4,54			1,29	10,52			
4.1. Regiões/cidades Brasil	8,88	2,81	27,27	32,25	42,10	28,57	5,36	21,21	30,95	
4.2. Brasil em geral	4,44	6,33	13,63	16,12	5,26	14,28	42,10	24,24	23,80	
5. Ásia/mundo	2,96	22,53	2,27	3,22		2,59	10,52	9,89	2,38	
6. Não sabe/não responde	1,48	0,70	2,27	6,45	5,26	1,29		6,86		
Total	99,9	\$9,9	99,9	99,9	99,9	99,9	99,9	99,9	99,9	

 X^{μ} (C/C e J) = 31,3851, μ = 7, μ < 0.001; X^{μ} (EPI) = 24,4187, μ = 21, máo significativo; X^{μ} (EPII) = 22,078, μ = 12, μ < 0.05.

As Tabelas 2 e 3 indicam, respectivamente, as percentagens de formas de auto-apresentação e as percentagens relativas à escolha de países.

Em termos de auto-apresentação para um grupo cultural/religioso minoritário de outro país (Tabela 2), os cristãos/católicos de classe média se destacaram por cortesia/cumprimento, conhecer aspectos pessoais, respeitar cultura muculmana, não sabe/não respondeu e criticar/ensinar; os judeus, por sua vez, enfatizaram aspectos culturais e pessoais de

si e do outro. Quanto aos países escolhidos para viver (Tabela 3), os cristãos/católicos de classe média, indicaram, sobretudo, países europeus, outras regiões do Brasil: enquanto os judeus. Ásia (Israel)/mundo e Brasil em geral.

Na Escola Pública I, o modo de auto-apresentação para outro grupo cultural/religioso foi, para os N, criticar/ensinar, respeitar cultura muçulmana e aspectos pessoais; M, criticar/ensinar, aspectos culturais; B, aspectos culturais, não sabe/não responde, relação interpessoal; I, criticar/ensinar, não saberhão responde, cortesiá/cumprimento, aspectos pessoais. Em relação aos países escolhidos para viver, apesar de não significativos estatisticamente (teste de X²), o Si Indicaram mais países anglo-americanos; M, anglo-americanos; B, regiões/cidades do Brasil e europeus; I, curopeus.

Já a auto-apresemação de estudentes da Escola Póblica II, também não significativo estatisticamente, os N (e M) realegaram não saberião responde e aspectos pessoais; M, aspectos pessoais, respeistar cultura muçulmana en do saberião responde; B, eriticariensinar, cortesia/cumprimento, relação interpessoa!, I, aspectos culturais, cortesia/cumprimento e relação interpessoal. Else seoliberam os seguintes países: N, Brasil em geral, curorpeus, latino-americanos, Asia/mundo, M, anglo-americanos, Asia/mundo; B, regiões e cidades do Brasil, curopeus.

Em relação à auto-apresentação, portanto, observames uma difereaça interessante entre os grupos e escolas. Em EPI, onde havás menos presença de conteúdos sobre individuo apareceram mois sobre fimilia (relação interpessoa/lautoridado; asimultaneamente, sobre criticar/ensinar em relação ao grupo minoriátrio (sobretudo entre Ne. 40) ou não respondórido sabe ou, mesmo, cortesia/cumprimento (principalmente entre B, de classe média e popular). Já em EPII, observamos entre os N mais contesia/cumprimento, entre os B, por su vez, houve proporcionalmente mais conteúdos relativos à familia e simultaneamente mais temas criticar/ensia euro país do su forma conteúdos relativos à familia e simultaneamente mais temas criticar/ensia euro paíso aporto.

Discussão

De modo geral, os resultados ofereceram certa sustentação para nossas suposições, ainda que alguns pontos mereçam mais aprofundamentos, conforme se segue.

1. Por que os sujeitos autodefinidos como negros e alguns indefinidos apresentaram um número menor de lembranças simbolizadas de parentes?

- Por que quase todos os grupos, com exceção de judeus e alguns negros, se centraram mais na dinâmica familiar?
- 3. Por que quase todos os grupos não se apresentaram em termos de identidade cultural e pessoal?
- 4. Por que quase todos os grupos, com exceção dos judeus, cada um à sua maneira, representaram a interação com a sociedade quase unicamente a partir de valores morais/éticos?
- 5. Por que o fenômeno da hostilidade a minorias sociais ainda sobrevive no Brasil, apesar de vários autores terem constatado seu declinio nos países desenvolvidos (Billig, 1986), dando lugar ao chamado racismo sutil (Pettigrew e Meertens, 1995)?
- 6. Por que é possível uma sociedade que se dedica tanto ao "cuidado de si" (Foucault, 1994) estar ainda tão envolvida com a familia e seus valores cristãos?
- 7. Por que grupos minoritários como os negros são capazes de desenvolver uma concepção do indivíduo, como entidade separada e distinta, que está em discrepância com resultados de autores como Williams e Brown (1984) e Lorenzi-Cioldi (1988), entre outros, que a identificam a sujeitos com status e poder?

Em relação à primeira pergunta, é preciso dizer antes de tudo que o índice de não respostas ou de declarações de desconhecimento de lembranças em relação aos parentes foram contabilizados para todos os grupos apenas até os avós. Em parte, trata-se de dificuldades de manter documentação escrita, muito comum entre populares. Assim, não se trata simplesmente de um fenômeno isolado de amnésia em relação ao assunto, pois negros e indefinidos recordaram de sobrenomes familiares em proporções praticamente equivalentes aos demais. Trata-se, antes, de uma postura de distanciamento buscada segundo propósitos múltiplos, não explicáveis diretamente por esta pesquisa, mas, parcialmente compreensíveis na medida em que avancarmos na discussão dos dados. Poderíamos afirmar, por enquanto, que os negros e outros grupos ainda não aderiram plenamente à psicologia cristă, que preconiza a transparência máxima nas relações humanas e sociais (Foucault, 1994, 1995), deixando ocultos conteúdos que os preservarão como individuos e membros de um grupo de visibilidade máxima (a cor da pele) e autonomia real ainda mínima, pois a maioria deles praticamente abandonou as práticas culturais mais específicas, como religião e outras. Nesse sentido, é bom notar que os negros foram os menos propícios a representarem seus parentes no âmbito da esfera pública, como se estivessem fora dela. Sabemos que houve a tendência de runtura em relação ao passado europeu, africano ou indígena, que afetou as práticas de conservação cultural de grupos minoritários, prejudicado pela estranheza ou incompatibilidade com o cristianismo. Assim, a política de miscigenação cultural sempre tem implicado em silenciamento dos grupos/culturas minoritários. Daí o esforco sempre constante de penetração no interior da vida familiar, sobretudo para enfraquecer a política de fortalecimento individual, praticamente a única capaz de fazer resistência às maiorias nos tempos atuais.

A idéia de uma metodologia baseada unicamente em materiais verbais (e não corporais; pois os orais são tão controlados quanto os escritos) e visíveis (desenhos e expressão corporal) para acessar e trabalhar R.S. fica, portanto, bastante prejudicada, indicando a necessidade de outros procedimentos de coleta e análise. A via adequada, acreditamos ser a da "situação-problema" onde o sujeito recebe uma instrução em que o objeto/sujeito é parcialmente apresentado, de modo a criar uma instigação mínima para liberar seus conteúdos socialmente não manifestos. Vale dizer, aqueles que ele não supõe que o pesquisador espera dele - o que exige um procedimento aberto e fora dos esquemas mentais prevalecentes na sociedade. Para tanto, o sujeito deve esquecer seu papel social de "pesquisado" e receber instruções inusitadas e envolventes, como um desafio para o qual ele está preparado e é capaz, até mesmo, de surpreender nossas expectativas, e não o contrário. Pois, via de regra, o sujeito se sente como um ignorante que é forçado a colaborar com algo cuja utilidade ele não sabe ver.

Ouanto à segunda questão, sobre a major focalização das representações em torno da família como entidade supra-individual entre os grupos observados, com exceção de judeus e parte de negros, é necessária a contribuição de outras disciplinas, particularmente, da História e Antropologia de grupos sociais. Tudo indica que a dominação cristã/brança marcou os demais grupos de modo diferenciado, fruto de formas variadas de coexistência passada. vividas em momentos prolongados de sua história. No caso dos negros, como se sabe, foram trazidos simultaneamente de várias partes da África, prejudicando seriamente a manutenção de suas unidades culturais, perdendo abruptamente a estrutura familiar ampliada, que lhes é peculiar, apesar de esforços de reconstrução ao longo desses séculos. Eles se viram frequentemente desligados dos seus grupos comunitários, como entidades separadas e distintas. Do mesmo icito, os iudeus, que viveram em iudiarias na Península Ibérica até 1492, e, na Europa Oriental, em shtetls, até o século XIX, passaram a viver desde então como indivíduos em ambientes sociais estranhos, onde eram identificados como pertencentes a um grupo minoritário, exercitando-os e capacitando-os para a experiência da solidão, que busca autonomia de opinião. Já os cristãos/brancos no Brasil, apesar de muitas vezes terem dado as costas para a Europa, sobretudo ao constatarem que estavam quase sendo postos nos navios para dar espaço aos que ficavam, conseguiam repor seus hábitos e costumes. a partir de casamentos intragrupais etc., sendo amiúde beneficiados pela alianca tácita ou explícita com os grupos mais poderosos, o que implicou em fixação de papéis sociais mais prolongadamente que nos outros grupos, sobretudo enquanto prática religiosa. Com a urbanização e industrialização, houve um certo declínio do cristianismo, os casais brancos passaram a se concentrar em torno da chamada família nuclear, onde a formação social, moral e cívica. era mediada, sobretudo, por genitores e, no máximo, por avós. É possível que entre nós tenha havido transferência de expectativas mais religiosas ("salvação" etc.), em algum momento deste século, para o progresso material/social, via inclusão no mercado e criação/aperfeiçoamento do chamado Estado de Previdência, mas, atualmente, observamos no chamado necoristianismo, privado e público, a idealizagão de autoridades familiares, saberes e instrumentos. Mais adiante pretendemos explorar mais este assunto.

A terceira questão, a respeito de muitos grupos

não terem se auto-apresentado em termos pessoais e de identidade cultural, pode ser respondida de modo duplo. De um lado, houve os que preferiram simplesmente destratar o extragrupo, supondo não haver um margem de negociação ou aceitação mútua mínima. De outro, encontramos aqueles que procuraram um cumprimento/cortesia. Em ambas as possibilidades de resposta, não observamos em muitos uma vontade explícita de defender suas próprias posições, tanto individuais, quanto grupais. Ou seia, a troca do tipo cortês está associada à evitação de conflito. Mesmo assim, é possível que a identidade pessoal/cultural do brasileiro, sobretudo de meio popular, seja mais facilmente manifestada como não conflitual ou menos afirmativa. Tratar-se-ia de um nacionalismo menos mobilizador. impedindo a consolidação do chamado racismo cultural (Balibar, 1997). Contudo, o fato de se tratar de um assunto pouco vivido e conhecido ("pessoa de religião muçulmana (ou budista)") pode ter gerado alguma falta de envolvimento, apesar de ser alguém quase diariamente noticiado na mídia brasileira e internacional, provocando os fenômenos de hiperrealidade (Baudrillard, 1996; Hall, 1999).

A quarta questão, sobre a ênfase em valores morais/éticos para descrever parentes, diz respeito, principalmente, a uma retórica do bom cidadão, como aquele que cumpre seus deveres exemplarmente. merecendo, portanto, todo respeito e obediência por parte dos filhos e demais. Estes conteúdos parecem estar relacionados à idealização dos pais, ainda que apresentados de modo menos exagerado que aqueles atributos empregados para superdimensionar os valores positivos, mais ligados aos comportamentos da vida cotidiana. Já os valores morais/éticos parecem ser mais gerais (ou considerados universais) e algo abstratos, fazendo parte de uma "solenidade" diante de uma autoridade oficial, quando convém certo formalismo e "realismo" de estilo. Mesmo sabendo que a vida pública foi pouco representada por muitos grupos sociais, alguns deles relataram suas experiências oscilando entre a aspiração de moralizar e a de evadir-se, procurando fortalecer outras dimensões individuais, a serem melhor compreendidas.

Do ponto de vista do estudo de R.S., é interessante notar a necessidade de estudos multifocais, no sentido de levar em conta vários objetos de representação ao mesmo tempo. Assim, Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950) conseguiram avancar no estudo da chamada personalidade autoritária, relacionando representações de autoridades familiares (e outras) e a hostilidade às minorias. Nesse sentido os estudos sobre identidade social têm demonstrado o papel de fenômenos como categorização tendência de percepção intergrupal de realcar semelhanças intragrupais e diferenças entre grupos, o que pode ser modulado por simplificação/complicação de outrem. variáveis de status etc., comunidade de destino/meta supra-ordenada (procurando superar o dilema da diferenca que impede a obtenção de metas partilhadas, reais ou imaginárias, entre as quais as de combater um inimigo comum, o bode-expiatório, p.ex. (Doise, 1991).

Até onde pudemos compreender, o modelo cristão de sociedade, sobretudo da Europa, tendeu a aniquilar e deteriorar (Goffman, 1982) todas as diferenças, indo da violência simbólica, pura e simples, a diferentes formas de assimilação. Diante de tal quadro, os grupos minoritários foram praticamente destruídos ou se ocultaram por detrás das palavras, das imagens e das práticas culturais públicas majoritárias. Para sobreviverem, os grupos minoritários mais bem-sucedidos, como judeus e negros, promoveram o treinamento de seus membros para aumentar sua autonomia individual o máximo que puderam, diante da competição desigual que se travava. Os judeus que conseguiram sobreviver como tais foram os que souberam reunir, ao mesmo tempo, indivíduo autônomo e identificação grupal. A política de fortalecimento do ego no interior das famílias minoritárias é feita a partir de vários procedimentos, tais como, entre judeus saídos dos guetos da Europa oriental, de dar nomes estranhos e exóticos para seus filhos (Levy,1960).Contudo, diante de tal busca de mobilidade social, os judeus acabaram se assimilando e muitos foram surpreendidos pelos eventos da 2º guerra, quando foram novamente tratados pelos europeus como judeus. No caso dos negros, a cor da pele, como se sabe, prejudicou fortemente as expectativas de obtenção de instrução e autodeterminação. Mas eles tomaram um dos principais focos de resistência à cultura maioritária branca/cristária branca

Assim, no meio popular brasileiro, apesar das diferencas detectadas, houve forte tendência de ênfase no grupo familiar, tanto cultural mais amplo quanto interpessoal, indicando uma lacuna irremediável de conteúdos individuais e grupais para uma adequada participação social. Nesse sentido, nos últimos anos assistimos ao esvaziamento relativo de alguns grupos coletivos mais gerais, como operariado, entre outros, que não conseguiram se firmar no cenário político, em beneficio daqueles segmentos médios, técnicocientífico e empresarial. Ou seja, de oportunidades de desenvolver sua autonomia com visão de longo/ médio/curto prazos. Contudo, a volta ou emergência de cristianismos/nacionalismos de massa na Europa e no Brasil pode ser explicada por duas razões principais: (1) perda de expectativa generalizada de influência nos rumos históricos da sociedade de amplos segmentos de grupos antes identificados com o operariado ou outros, p. ex.; (2) dificuldade de se inserir na sociedade como indivíduos/cidadãos livres, capazes de romper/criar novos grupos/sociabilidades fora dos campos majoritários prévios ou mais novos.

A psicología crista existe em muitas familias que observamos. Ela pode ser resumida naquela do goud hon/goud girl e seu complemento necessino, a do had hon/had girl. O bom gartoloboa garota é aquele que procura agandar as autoridades familiares respeitando (ou transgredindo) as nomas interpessosis/sociais, é aquele que teme a solidão, a independência absoluta, mergulhando constantemente na dinámica de jogos afetivos/sentimentais e nela esquecendo de si mesmo, é aquele que arrende a idealizar os país/avos e, posteriormente, as autoridades extrafamiliares; é aquele que "miseigenado" aprende a esquecer o passado e a hostilizi-lo ou a ficar indiferente em relação aos que não são semelhantes ou valorizados socialmente. Assim, apesar das transformações por que

passou a família cristã, do patriarcalismo tradicional às recentes experiências de interação entre iguais, todas elas se distinguem por serem mais repressoras, não tanto da sexualidade mas sobretudo de indivíduos. Aíeles são regular e sistematicamente descaracterizados. apesar da ênfase da moderna classe média na aquisição de instrumentos relacionais. Segundo Foucault (1994). a confissão é um dos ingredientes mais importantes do cristianismo e se pode pensar que ela é praticada, antes de tudo, no interior das famílias e nas dinâmicas interpessoais. Do mesmo jeito, os movimentos protestantes e marxistas imaginaram poder superar certas tendências do cristianismo sem muito sucesso. É que, ao mesmo tempo que o indivíduo autônomo é preconizado pela educação moderna, ele é objeto de todo tipo de controle social, de moralismos e doutrinações os mais pesados e opressivos. Na medida em que os pais e outras autoridades familiares foram idealizadas ou vistas através de comportamentos normativos, maior foi a hostilidade em relação aos grupos minoritários propostos para simulação de interação, tal como encontrado por Adorno e cols.(1950) e considerado praticamente em declínio junto ao patriarcalismo e autoritarismo (Howitt e cols., 1992), mas, infelizmente, presente entre nós e em muitos países.

A questão sobre a possível contradição entre o cuidado de si no quadro da sociedade dita pósmoderna e, ao mesmo tempo, preocupada com a família nuclear e seus valores não procede, uma vez que eles não são valores necessariamente opostos ou contraditórios. Pois, cada grupo usa os recursos disponíveis ou reconstruídos para realizar a competição social, incluindo o fortalecimento do ego baseado no culto à autoridade, à hierarquia, à raca. em detrimento da autonomia individual/grupal. Ou seja, como já foi exposto anteriormente, a familia voltou a cumprir outras funções no momento atual de acirramento de competição entre indivíduos, como espécie de refúgio (Lasch, 1991) e recurso para a realização individual. Contudo, os grupos de classe média/cristãos compreenderam que a postura de idealização/subordinação aos parentes é um modo de formação insuficiente socialmente, no lugar disso eles representaram a família a partir de relações interpessoais interdependentes, perdendo parte da autonomia individual.

Em relação à comparação entre as escolas públicas com maior/menor presença de católicos, convém assinalarmos alguns pontos. Apesar de termos trabalhado com amostras pequenas, é possível afirmar que as recentes conversões pentecostais/protestantes entre populares procuraram responder a duas demandas básicas, constatáveis a partir dos dados por nós analisados; (1) disciplina individual. sobretudo para brancos e mesticos, a partir de culto à familia e ao conformismo social; (2) participação pública por meio de mobilizações para enfrentar as majorias sociais. Aparentemente, isso se tornou necessário na medida em que os grupos católicos. não conseguiram promover uma mudança social na esfera pública, de modo a desenvolver também o indivíduo. Sem pretender avaliar o mérito do conteúdo cultural e político em foco, diríamos que, possivelmente, entre os pentecostais/protestantes houve certo reconhecimento de algumas aspirações religiosas populares, apesar de esforcos entre os católicos nas últimas décadas de renovação de doutrinas, práticas e projetos político-religiosos. Acreditamos, contudo, que, mesmo com o menor controle da vida privada e religiosa praticado pela Igreia católica em relação aos grupos não-branços, historicamente, ela não conseguiu liberar o indivíduo do dilema "mandar ou obedecer". Assim, os discursos do indivíduo e do sucesso econômico propagados pelos protestantes/evangélicos parecem obter maior adesão, na medida que o discurso católico de desapego ao dinheiro e solidariedade com os miseráveis torna-se mais uma retórica das classes dominantes e das elites políticas para justificar, como na idade média, um modo de vida sustentável somente por parte de aristocratas e altos funcionários do Estado.

Enfim, os negros que estudamos apresentaram uma representação do indivíduo que supreende à primeira vista. Florestan Fernandes (1977) ressaltou a situação que se criou na cidade do Rio de Janeiro após a liberação de escravos, onde cles viviam nas favelas usufruindo de vida comunitária (Souza Filho, 1998) e, ao mesmo tempo, dispunham de mais oportunidades de escolarização. Os dados censitários portunidades de escolarização. Os dados censitários sobre desempenho escolar desmentem parte desass adirmações, mas a troca cultural bem sucedida ao longo desses anos serviu-lhes para a construção de uma política de autonomia pelo menos individual. Contudo, acreditamos que os autodefinidos como negros, estão elaborando outras formas de expressão e experiência de grupalidade, inclusive mais internacionais do que antes, na chamada diáspora negra.

REFERÊNCIAS RIRLINGRÁFICAS

- Adorno, T. W.; Frenkel-Brunswik, E.; Levinson, D. J. e Sanford, R. N. (1950). The autoritharian personality. New York: Harper.
- Allport, G. W. (1961). Pattern and growth in personality. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Balibar, E. (1997). Y a-t-il un "néo-racisme"?. Em É. Balibar e I. Wallerstein (Orgs.), Race, nation, classe (pp. 27-41). Paris: La Découverte/Poche.
- Bastide, R. (1967). Les Amériques noires, Paris: Pavot.
- Bastide, R. (1971). As religiões africanas no Brasil (Vol. I e II). São Paulo: USP
- Baudrillard, J. (1996). A transparência do mal. Campinas: Papirus.
- Baumeister, R. F. (1982). A self-presentational view of social phenomena. Psychological Bulletin, 91, 3-26.
- Billig, M. (1986). Racismo, prejuicios y discriminación. Em S. Moscovici (org.), Psicología social, II (pp. 575-600). Barcelona: Paidós
- Breakwell, G. M. (1993). Integrating paradigms, methodological implications. Em G. M. Breakwell e D.V. Canter (eds.), Empirical approaches to social representations (pp. 180-201). Oxford: Clarendon Press.
- Canevacci, M. (org.). (1984). Dialética do individuo. São Paulo: Brasiliense.
- Canevacci, M. (org.). (1987). Dialética da família. São Paulo: Brasiliense.
- Doise, W. (1991). Las relaciones entre grupos. Em S. Moscovici (org.), Psicologia social, I (pp. 307-332). Barcelona: Paidós

- Dumont, L. (1985). O individualismo. Rio de Janeiro: Rocco.
- Elias, N. (1994). A sociedade dos individuos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Farr, R. M. (1992). Individualism as a collective representation. Em V. Aebischer, J.-P. Deconchy e E. M. Lipiansky (eds.), *Idéologies et représentations* sociales (pp.129-143). Fribours: DelVal.
- Fernandes, F. (1977). Relações de raça no Brasil. Em C. Furtado (ed.), Brasil: Tempos modernos (pp.111-137). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (1994). Hermeneutica del sujeto. Madrid: Ediciones de La Piqueta.
- Foucault, M. (1995). Tecnologias del yo. Barcelona: Paidós/I.C.E.-U.A.B.
- Gergen, K. J. (1971). The concept of self. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Gergen, K. J. (1997). El yo saturado Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo. Barcelona: Paidós.
- Goffman, E. (1959). The presentation of self in everyday life. Harmondsworth: Penguin.
- Goffman, E. (1982). Estigma. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hall, S. (1999). A identidade cultural na pósmodernidade. Rio de Janeiro: DP&A.
- Howitt, D.; Billig, M.; Cramer, D; Edwards, D.; Kniveton, B.; Potter, J. e Radley, A. (1992). Groups and intergroup relations. Em M. Keynes, Social psychology (pp.139-159). Philadelphia: Open University Press.
- James, W. (1950). The principles of psychology. New York: Dover.
- Klein, R. (1997). Indicadores educacionais para subpopulações caracterizadas pela cor. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, 5 (17), 495-514.
- Lasch, C. (1991). Refügio num mundo sem coração. São Paulo: Paz e Terra.
- Lemaine, G. (1979). Différenciation sociale et originalité sociale. Em W. Doise (org.), Expériences entre groupes (pp.185-219). Paris: Mouton.

- Lévy, P. (1960). Les noms des israélites en France. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lewin, K. (1948). Resolving social conflicts. Nova Iorque: Harper & Row.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). Individus dominants et groupes dominés. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Marková, I.; Moodie, E.; Farr, R. M.; Drozda-Senkowska, E.; Erős, F.; Plichtová, J.; Gervais, M.-C.; Hoffmannová, J. e Mullerová, O. (1998). Social representations of the individual: A post-communist perspective. European Journal of Social Psychology, 28, 797-829.
- Mead, G. H. (1934). Mind, self and society. Chicago: University of Chicago Press.
- Pettigrew, T. F. e Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. European Journal of Social Psychology, 25, 57-75.
- Souza Filho, E.A. de (1998). Discursos y prácticas socio-urbanas en Rio de Janeiro. Revista de Psicologia Social, 13, 93-105.
- Souza Filho, E. A. de (2001). Social-cultural models in the family and at school. Em International Yearbook on Teacher Education (pp. 1-14). Wheeling, II: National-Louis University.
- Souza Filho, E.A. de e Durandegui, A.B. (1999a). Representações de familiares e relações interculturais entre jovens judeus no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no II Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos. Rio de Janeiro, UERJ.
- Souza Filho, E.A. de e Durandegui, A.B. (1999b). Representações sociais de grupos minoritários – Histórias de múltiplos caminhos e expressões. Anais. I Jornada Internacional sobre Representações Sociati-Teoria e Campos de Aplicação (p. 6). Natal: UFRN/UFRIJEHESS/MSH.
- Souza Filho, E. A de e Durandegui, A.B. (2000). Representações sociais, multiculturalismo e desempenho na escola - o racismo sociocultural (pp.1-13). Tecendo Saberes: CD-ROM CFCH/UFRJ.
- Tajfel, H. (1978). Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations. London: Academic Press.

- Tajfel, H. (1981). Human groups & social categories Studies in social psychological. Cambridge: Cambridge University Press.
- Turner, J.C. (1987. Rediscovering the social group A self-categorization theory. Oxford: Blackwell.
- Williams, J. A. e Brown, R. J. (1984). Group identification: The same thing to all people? *Human Relations*, 37, 547-564.
- Zavalloni, M. (1973). L'identité psychosociale, um concept à la recherche d'une science. Em: S. Moscovici (dir.), Introduction à la psychologie sociale (pp. 245-265). Paris: Larousse.

Recebido em: 22/06/01 Aceito em: 30/04/02

Anexo

Percentagens de temas usados para representar familiares entre grupos católicos/cristãos, judeus de escolas privadas e estudantes de escolas públicas I e II, autodenominados negros, mestiços, brancos e indefinidos.

	EC/C	EJ	N(I)	M(I)	8(1)	1(1)	N(II)	M(II)	B(II)	1(11)
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Personalidade global	9,87	8,85	7,38	9,14	8,45	8,84	20,96	9,62	10,17	7,89
Comportamento social	7,77	4,87	10,22	11,58	28,16	6,99	8,06	5,34	13,50	10,52
Cognição	2,31	3,88	1,70	0,60	-	0,34	1,61	-	1,26	
Identidade étnica/folclore/religião	2,31	8,34	0,56	1,21		1,39	1,61	0,53		7,89
Afeto sentido/recebido	12,18	8,88	16,47	15,24	8,45	16,78	4,83	12,29	8,86	5,26
Não respondeu	13,02	7,18	24,43	10,97	14,08	25,17	25,88	24,59	14,34	13,15
Proteção/cuidado	5,25	7,18	2,84	4,87	1,48	2,44	6,45	3,74	2,10	7,89
Vida/morte	2,31	5,64	0,56	2,43	-	0,69		3,74	0,84	
Realização profissional/material	1,47	4,62	1,70	1,82	-	0,34		2,13	0,42	
Interação/contexto	4,83	4,49	1,13	4,87	4,22	1,74	6,45	2,13	5,06	7,89
Presença/ausência	4,83	3,97	0,56	4,26	-	3,49		0,53	4,64	2,63
Valor moral/ético geral	2,52	3,97	1,13	3,65	5,63	2,44	1,61	5,34	3,37	10,52
Satisfação/diversão	1,89	3,59	1,13	1,21	1,40	1,39	3,22	2,67	2,53	
Valor trabalho	2,31	3,33	2,27	0,60		2,44	4,83	1,60	2,53	2,63
Familia idealização	1,89	3,20	7,38	11,58	12,67	10,48	3,22	5,41	11,81	
Amizade/comunidade	2,73	3,20	6,25	5,48	2,81	1,39		8,82	5,48	7,89
Exige respeito/severa	3,57	2,56	1,13	1,21		1,39	1,61	3,74	3,37	5,26
Evento sociopolítico coletivo		2.31	0,56					-		
Formação de parentes	0,63	2,18							0,42	
Traço físico/concreto	2,10	2,18	0,56	3,84	4,22	2,44	1,61	2,13	0,42	-
Realização subjetiva	1,47	1,66		0,60					-	-
Não sabe/conhece pouco	1,68	1,66	10,22	3,65	4,22	7,69	4,83	1,06	3,79	5,26
Reconhecimento social	-	1,15		-	1,40				0,42	
Bem comportado/desviante	0,42	0,77	0,56	0,60	1,48	1,74		0,53	1,26	
Familia solidariedade/ampliada		0.51	-			0,69			0,84	
Expressão/comunicação	9,83	0,38		-				1,06	0,84	
Formação do sujeito	2,31	0,25	1,13	0,60		0,34	3,22	1,60		2,63
Outros		0,38			-	-	-			
Modernofflexivel		0,12						0,53		
Permissiva/recompensador	1,26	0,12		0,60	1,40			0,53	0,84	2,63
Total	100%	100%	100%	188%	100%	100%	188%	100%	100%	100%